

OS MITOS NA NARRATIVA DE CARLOS FUENTES

Ana Lúcia Trevisan Pelegrino*

Resumo: O artigo apresenta uma breve análise do uso dos mitos na literatura hispano-americana, especialmente na obra do mexicano Carlos Fuentes. Procura destacar a consonância desta instrumentalização ficcional do universo mítico com as reflexões a respeito da multiplicidade cultural hispano-americana.

Palavras-chave: literatura hispano-americana; mito; identidades; multiplicidade cultural.

A análise de romances e contos de Carlos Fuentes revela que o mito – considerado sob a perspectiva de integração e coesão social – tem, neles, uma função determinante. Levando em conta que nas sociedades primitivas a coesão social provém do conhecimento dos mitos comuns a determinado povo (Eliade, 1963), percebe-se que, na narrativa fuentiana, o aproveitamento dos mitos deixa entrever o desejo de tocar exatamente esse seu aspecto integrativo e, por meio dele, compor uma perspectiva estética que discuta valores intrínsecos à nação mexicana.

Vinculada à discussão do pensamento americanista da década de 1960 está a expressão mito-poética, que permite a reflexão sobre os diferentes tempos e culturas da América. Fuentes utiliza o mito como um recurso narrativo capaz de sustentar as suas investigações sobre a História e a condição do sujeito mexicano. Assim, a estruturação de seus romances, que seguem as tendências da narrativa do “boom” literário da América

* Professora de Língua Espanhola e Literatura Hispano-americana da Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP.

Hispanica, conjuga-se à forma mítica, que remonta às tradições pré-hispânicas mexicanas. Na composição narrativa está expresso o desejo de pensar a coexistência dos mecanismos do pensamento mítico e do pensamento mexicano atual. Por meio da estruturação dos relatos redescobre-se o passado indígena mexicano – não de uma forma romântica, buscando a exaltação nacionalista ou o exotismo americano, mas por meio de uma perspectiva interativa com a modernidade. Encontra-se, assim, o caminho estético para explorar a convivência de concepções distintas de mundo em um mesmo espaço, questão esta latente no México atual.

O sentimento de nostalgia originado pela perda de um passado mítico perpassa toda a obra fuentiana, principalmente seu livro de contos *Los días enmascarados* (1954) e o romance *La región más transparente* (1958), em que há a explícita constatação de que a integração original, proposta pelos mitos, é inviável na ordem do mundo moderno. Resta a experiência multitemporal e a experiência mítica como artifício, como possibilidade estética para refletir sobre propostas americanistas e sobre as perspectivas do mexicano.

Isso não significa dizer que escapa à reflexão de Fuentes a idéia importantíssima de que continuam convivendo diferentes ordens de pensamento no México moderno. Por isso, o tempo mítico e o tempo histórico se fundem em sua ficção, na tentativa de demonstrar que a fusão também está presente no cotidiano concreto do México, pela perpetuação de certos traços de gosto, quer arquitetônico, artístico ou culinário, ou de certas práticas medicinais, que acaba gerando a convivência de dois tempos: um antigo, outro moderno.

Inserido na discussão sobre a nostalgia de um paraíso perdido está o dilema do escritor moderno que trabalha a reconfiguração mítica. O contato com esse tipo de representação, realizado tanto pelo escritor como, no âmbito científico, pelo pesquisador, sempre deixa um espaço não preenchido no que se refere à questão da fé, da crença, elemento inerente à capacidade operacional do mito. Essa lacuna, já assinalada por muitos antropólogos, é um importante caminho para seu desvendamento. A fé é um dos elementos que sustentam os mecanismos mais primitivos desse universo. Implícita a toda experiência mítica – ritual ou não – está a fé. A funcionalidade dessa representação muitas vezes escapa às interpretações dos estudiosos e, conseqüentemente, importante parte constitutiva da essência do mito fica diluída. Não pretendo dizer que ele seja inapreensível da forma como nos é apresentado pelos pesquisadores. Existem elementos dessa expressão simbólica que são perfeitamente apreensíveis pelo homem diacronicamente. Entretanto, é legítimo afirmar que o mito somente permite uma (re)atualização sincrônica por meio da sua estruturação simbólica, desde que essa (re)atualização seja mediada pelo elemento da funcionalidade e da fé.

Nesse ponto está ancorada a problemática do escritor moderno, pois, assim como o antropólogo, ele pode trabalhar com os mitos, mas está consciente da impossibilidade de vivenciá-los ou aproveitar seu aspecto funcional, fideísta. Restam ao escritor a perspectiva estética e o exercício de um conhecimento erudito desse código. Pela literatura, pela diluição de esquemas míticos em esquemas literários, Carlos Fuentes comprova a dissolução do aspecto primordial do mito: sua capacidade operativa e transformadora.

O mito, como perspectiva de possibilidade para uma coesão social, atrairá o escritor moderno latino-americano que anseia por resolver o problema das identidades nacionais. Entretanto, ao mesmo tempo, ao trazer para a sua

obra os mitos nacionais, como é o caso do nosso autor, o escritor constata a evidência de que o homem moderno americano também já se encontra impossibilitado de retornar às suas origens; no caso mexicano, às origens pré-hispânicas. O mexicano contemporâneo deve descobrir outros elementos que operem uma integração entre os componentes da diversidade cultural existente na sua sociedade. O passado indígena não é mais o único elo perdido de sua pluralidade cultural. O passado mítico pré-hispânico, e isso constata Fuentes, só encontra um caminho de pureza original por meio da ficção, e, mesmo assim, essa pureza visa apontar para uma nova ordem, em que não ocorra a supremacia de um único elemento étnico-cultural, mas, sim, a concomitância de muitos acervos culturais, que se encadeiem.

A realidade da nação mexicana contemporânea é diversa, é a realidade do homem mestiço e dividido. O que poderia possibilitar a superação dessa cisão não é mais, entretanto, apenas o elemento indígena, mas a integração de uma diversidade cultural que não apresenta denominador comum. Assim, o elemento mítico “coesão social” que atraiu o escritor latino-americano das décadas de 1950 e 1960 para as tradições lendárias nacionais é o mesmo que, paradoxalmente, o faz experimentar a angústia universal do homem atual: a constatação de seu distanciamento de um tempo de verdades absolutas. Ao fim e ao cabo, o escritor moderno latino-americano, como os escritores modernos europeus, utiliza o mito como exercício de intelectualismo, e termina por constatar o distanciamento do homem moderno americano do seu passado indígena. O que se constata é que, na obra de Fuentes, o mitologismo é, antes de tudo, o caminho estético para descrever a multiplicidade temporal (cuja complexidade é irreduzível) e para fazer refletir sobre ela, multiplicidade reconhecida não somente no México, mas em toda a América Latina.

O modo como Carlos Fuentes lida com esse específico código permite que o leitor vislumbre um universo que acumula valores modernos e ancestrais. O escritor tenta traduzir na estrutura mesma do romance os diferentes “tempos” americanos – o tempo cíclico ancestral e o tempo moderno e cronológico ocidental. Desse modo, observa-se na narrativa fuentiana que a instrumentalização dos mitos meso-americanos aparece conjugada com as experimentações formais da modernidade estética.

Há um outro aspecto da prática ritual de que a expressão de Fuentes se vale que merece referência. Trata-se da capacidade que o mito possui de, pela prática ritualística, abranger diferentes tempos simultaneamente. O ritual “anula o tempo profano, cronológico, e recupera o tempo sagrado do mito. O homem torna-se contemporâneo das ações que os deuses realizaram *in illo tempore*” (Eliade, 1963, p.120). Dessas considerações de Mircea Eliade, pode-se inferir que esse sistema simbólico é um elemento capaz de operar uma simultaneidade de tempos, permitindo a convivência, em um mesmo instante, do presente, do passado e do futuro.

Uma vez que a fragmentação temporal da narrativa é uma técnica constantemente utilizada pelo escritor mexicano, a estruturação mítica surge como um fator alternativo para formação de uma unidade temporal paralela. A questão da fragmentação temporal implícita em seus romances aparece em inúmeros estudos, como no de Fogelquist (1980, p.96-107), que aponta para a estruturação mítica como uma solução estética: “*Fuentes emplea lo mítico para dar unidad al tiempo disperso de los muchísimos*

fragmentos narrativos". Carlos Fuentes (1969), em sua obra *La nueva novela hispanoamericana*, aponta para a utilização dessa matéria no romance moderno como um elemento revelador da unidade temporal: "a través de un mito en el que se puede reconocer tanto la mitad oculta, pero no por ello menos verdadera, de la vida, como el significado y la unidad del tiempo disperso" (p.19).

Outra dimensão que merece ser apontada diz respeito ao desdobramento universal que certos mitos nacionais podem alcançar. Cabe ser destacado que a utilização de mitos "locais" não visa, como proposta estética, valorizar uma porção menosprezada da população. Não se trata de simples resgate com intenção de tornar as tradições indígenas peças imaculadas de um museu. A sua retomada não possui o fundo romântico que se expressa pelo desejo de exaltação do exótico passado indígena. É retomada que insere a questão moderna da dialética entre o particular e o universal, o interno e o externo, o "eu" e o "outro". Por meio da estruturação da narrativa, tenta expressar a diversidade dos acervos culturais existentes nas culturas americanas. Os mitos particulares dessas culturas tradicionais podem expressar o universal humano, tanto quanto os mitos clássicos da cultura greco-romana podem expressar os conflitos do homem americano.

A apropriação dessa matéria pelas literaturas americanas, em uma perspectiva mais ampla, poderia remeter a um rompimento dos maniqueísmos presentes na idéia de um mundo polarizado: atraso *versus* progresso. Ajuda a vislumbrar um caminho para entender a possibilidade de sobrevivência e convívio de diferentes culturas em uma mesma ordem espaço-temporal. A reflexão que subjaz a essa produção literária é a retomada dos diferentes modos de pensar dos diferentes sujeitos históricos. A experimentação literária torna-se fruto da ambição de tentar traduzir de forma diferenciada um povo que é singular. Mas sua realização vai além de uma suposta atitude nacionalista: constitui-se uma reflexão sobre os diferentes sujeitos históricos no mundo, um mundo que cada vez mais tenta homogeneizar as diferenças. Pensar a diferença, abrigar essa diferença ainda que no âmbito ficcional da literatura seria o caráter relevantemente universal da utilização dos mitos.

Voltando à questão estética que envolve esse problema ético, seria preciso pensar dois movimentos básicos contidos na utilização dessa matéria pela literatura. O mito é tomado como um dado particular que possui o dom de alcançar uma dimensão universalizante. Esse pressuposto é de importante valor nas literaturas latino-americanas. Os mitos pertencentes às culturas internas de cada país americano formam um caudal particular e genuinamente nacional. Seu aproveitamento por um escritor da modernidade possibilita que o homem desse tempo dele se aproprie para pensar a si e a seus valores. Isso dá ao mito um caráter universal e permite que o escritor latino-americano transcenda a obrigação a ele imposta durante séculos: "ser universal" equivalendo a "ser europeu". A vantagem de conseguir essa universalidade a partir de um dado cultural interno abre um leque de reflexões que propõe um questionamento para os detentores das culturas centrais.

A estética mito-poética proporciona a introdução de mecanismos mais legítimos para se pensar a questão cultural, pois evitam definir as diferentes

culturas em categorias estanques como “superiores” ou “inferiores”. A necessidade de se perceber o outro não como “atrasado” ou “ignorante”, mas como “diferente” é questão que perpassa tanto as relações de trabalho na indústria como a produção artística. Na atualidade, mais do que nunca essa questão se faz imprescindível. Os novos movimentos migratórios que atingem a Europa, e seus conflitos implícitos, impõem novas situações em que o “outro” se faz próximo na dinâmica do cotidiano, e não apenas no discurso das análises antropológicas. As novas e crescentes ondas de preconceitos são uma prova de que a questão da heterogeneidade cultural deve ser repensada e deve tornar-se matéria de debate constante, a fim de que movimentos discriminatórios não ressurgam nem se queira reafirmar um padrão único de modernização ou de ética.

Na consideração de Fuentes (1991, p.5) sobre a cultura ibero-americana multirracial percebemos uma linha interpretativa da realidade que se conjuga à temática discutida até este momento:

De Sor Juana Inés de la Cruz a Pablo Neruda, de Machado de Assis a García Márquez, de Aleijadinho a Lucio Costa, los iberoamericanos hemos sido capaces de crear una cultura continua, duradera, y en ella cada uno de nosotros puede descubrirse a sí mismo y reconocer a los demás iberoamericanos. Pocas culturas del mundo poseen una continuidad comparable. Por ello, precisamente, resulta más dramática la ausencia de un reconocimiento, seguido de una acción, comunes, en los campos de la política y de la economía. No hemos sido capaces de trasladar la riqueza y continuidad culturales a una riqueza económica y a una continuidad política similares.

As culturas americanas viveram, na prática fortemente traumática da conquista, a experiência de uma nova ordem, de convívio entre diferentes culturas. Esse dado concreto fez que ambas as populações, nativa e estrangeira, desenvolvessem estruturas para sobreviver ao convívio e à mescla. Essas estruturas não estão cristalizadas e seguem evoluindo e se reformulando. A modernidade das populações latino-americanas, mais do que nunca, se impõe por meio de tais mecanismos de convivência com as diversidades culturais.

Referências bibliográficas

ELIADE, M. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1963.

FUENTES, C. *Los días enmascarados*. México: Los Presentes, 1954.

_____. *La region más transparente*. México: Fondo de Cultura Económica, 1958.

_____. *La nueva novela hispanoamericana*. México: Joaquín Mortiz, 1969.

_____. El nuevo encuentro comienza hoy. *Clarín*, Buenos Aires, p.5, 18 de julio 1991.

FOGELQUIST, J. Tiempo y mito en *Cambio de Piel*. *Cuadernos Americanos (México)*, v.231, p.96-107, 1980.

Abstract: This paper presents a brief analysis of the use of myths in Hispanic literature, especially in the works of Mexican writer Carlos Fuentes. It highlights the consonance of this fictional use of myth with reflections on the Hispanic cultural multiplicity.

Keywords: Hispanic literature; myth; identities; cultural multiplicity.